

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Educação de Estado
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Exl

C92543302

Avaliação, Uma Necessidade ou Uma Tortura
Para o Aluno Sujeito de Seu Texto?

Neuza Barros Blecha

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT	
RG N°	6598
Data	17, 01, 02

Pontes e Lacerda
2000

371.136
135462

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Educação de Estado
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

Avaliação, Uma Necessidade ou Uma Tortura
Para o Aluno Sujeito de Seu Texto?

Ensaio Monográfico
apresentado para graduação
do curso de Letras,
Licenciatura em Língua
Portuguesa, Língua Inglesa e
Literaturas. Orientadora:
Shirlei Aparecida de Fátima
Gaspar Maschio.

Pontes e Lacerda
2000

Dedico a,

Deus, o amigo mais certo nas horas incertas que fortaleceu-me e fez-me vencer.

Meu esposo Sérgio, amigo e companheiro, que incentivou-me e ajudou-me em todos os momentos pacientemente.

Meus filhos: Elizangela e Dionys, minha razão de viver.

Toda família, a meus pais, meus irmãos e minha cunhada Maria B. Gajardoni que incentivaram-me a prosseguir transmitindo-me seu carinho.

Professores, especialmente minha orientadora Shirlei Aparecida de Fátima Gaspar Máschio que pacientemente encorajou-me nesta longa caminhada.

“O grande desafio é educar jovens hoje como pequenos cidadãos e não como cidadãos pequenos, contando com uma grande gama de informações que eles trazem de casa consigo quando chegam à escola. Cabe ao professor trabalhar com isso e não contra isso.”

(FERREIRO, 1994 p. 26)

Sumário

Apresentação-----	4
Fundamentação Teórica-----	6
Levantamento dos dados-----	16
Levantamento dos dados da pesquisa realizada com os professores-----	20
Análise dos dados levantados a partir dos textos dos alunos-----	22
Análise dos dados a partir das entrevistas com três professoras-----	28
Considerações Final-----	32
Bibliografia-----	34
Anexos-----	36

Apresentação

Neste trabalho busquei analisar a avaliação da produção textual em séries iniciais do ciclo básico. Uma vez que nossa clientela escolar apresenta uma mistura significativa no uso da linguagem culta e coloquial na construção de um texto.

O interesse pelo desenvolvimento dessa análise surgiu pelo desejo constante em buscar uma maneira aceitável entre escola e aluno, ou seja, buscar suporte teórico que dê sustentação ao professor em avaliar a produção textual com intuito de se ampliar a oportunidade ao aluno-sujeito/autor de se desenvolver cada vez mais tendo liberdade de expressão quem se seja anulada o seu conhecimento prévio.

Mesmo sabendo que não há receita pronta e acabada, saí a campo, procurei alguns docentes da área de Produção de Textos, e realizei uma pesquisa com os mesmos. Analisei alguns textos dos meus alunos, confrontando com as opiniões dos professores entrevistados, sob a luz das teorias dos autores: Maria Lúcia Castanheira "Da Escrita no Cotidiano à Escrita Escolar", Rita de Cássia Costa e Silva Maria. "A Leitura na Sala de Aula: o velho e o novo conflito", Emília Ferreira e Teberosky. "A Psicogênese da Língua Escrita" entre outros, teorias citadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de Língua Portuguesa.

Procurei analisar minuciosamente a alusão de cada um deles, podendo assim construir meu objetivo de pesquisa "Avaliação, uma necessidade ou uma tortura para o aluno sujeito de seu texto?". Sempre com objetivo principal de obter subsídios para o desenvolvimento e aprimoramento do meu trabalho.

Através desses estudos, descobri que quando se dá oportunidade ao aluno de se expressar através do texto, ele o faz a partir do seu meio, do lugar em que está, usa elementos argumentativos implícitos, estabelece relações entre textos e outros textos já lidos, por isso vários sentidos podem ser atribuídos a um texto. Ou seja, quando alguém faz uso da linguagem o faz de algum lugar localizado na história e na cultura, definidos nas múltiplas marcas de identidade social conforme seus valores, ideologias e crenças. Ele é o sujeito do

que escreve, mesmo não cumprindo com as regras da escrita formal, nos permite conhecer seu discurso.

Por esse motivo, foi necessário apresentar também um programa sobre a coerência, coesão e os fatores que as estabelecem também sobre o uso do desenho nos textos.

Caro leitor, espero que este, também contribua para o seu crescimento profissional, uma vez que nessa minha análise busquei embasamento teóricos em estudos recentes.

Fundamentação Teórica

“... Quando se pensam as condições de produção da escrita, na escola, é compreender o processo em que se dá a assunção por parte do sujeito, de seu papel de autor. Essa assunção implica; segundo o que estamos procurando mostrar, uma inserção (construção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico social)... O autor é, pois, o sujeito que tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem social em que está inserido.” (Orlandi, p. 79)

Nota-se que a grande dificuldade da Escola é trabalhar e compreender como se dá essa *assunção* (ascensão, sobe pelos próprios meios) por parte do sujeito de seu papel de autor.

Vale ressaltar, que sujeito não é indivíduo, portanto sofre influência exterior. Quando a criança chega à escola está carregada de ideologias distintas (família, vizinho, televisão). Muitas vezes, a escola tenta encaixá-la de forma mecânica, automática na norma padrão, isso parece fácil mas não é, principalmente na escrita, onde a escola não trabalha com as variações lingüísticas que os alunos usam fora da escola, o que pode prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem.

Portanto, a parte mais difícil em uma sala de aula é trabalhar a produção textual, pois implica num contexto geral: leitura, gramática, social e através dela é possível conhecer o aluno. A produção contempla todos os aspectos sociais e técnicos (regras).

Para conhecer o aluno é preciso conhecer a sua história, pois é a partir da leitura (conhecimento de mundo) que o autor se posiciona, ou seja, o aluno vai escrever um texto a

partir do seu conhecimento, vai se basear num filme, na vida e/ou história de um amigo, no que observou durante um passeio, entre outras coisas.

Por esta razão faz-se necessário que o professor ao ler um texto enxergue o contexto em que o mesmo está inserido, porque a princípio a prioridade é a bagagem, a idéia que está no texto, ou seja, os sentidos estão ligados ao contexto.

O domínio de certos mecanismos discursivos – palavras, frases, pontuação, ideologias, dialetos – adquiridos ao longo do crescimento, do qual o aluno é constituído, está relacionado a interação social e isso o sujeito adquire naturalmente, podendo portanto, se posicionar em relação a algo tal como: religião, filme que assistiu, jogo, etc.

Ora, se existem mecanismos na oralidade, a escola deveria proporcionar mecanismos para a escrita, tendo como objetivo principal proporcionar ao aluno oportunidade de se posicionar e se assumir como autor de seu texto, sendo criativo e crítico. Pois todo esforço empregado na produção de texto tem como objetivo formar escritores aptos a produzir textos coerentes, coesos e eficazes.

O sujeito capaz de redigir vai escrever de acordo com o objetivo proposto, seja uma carta, um discurso político, um ofício, etc.

“Um escritor competente é alguém que ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e a circunstância enunciativa em questão.” (PCN, p. 66)

A partir da alfabetização é necessário que o aluno seja incentivado a produzir seu próprio texto, começando pelo desenho livre, onde vai contar oralmente o que desenhou, através de recortes e colagens, ou bilhetes que escreve para a professora pois, tudo que o aluno faz tem grande significado para ele. É dessa maneira que o mesmo começa a desenvolver a escrita, pois o objetivo é formar cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia, que tinha condições de assumir a palavra por ele escrita, ou seja, aquilo que escreve.

Através de pesquisas, sabe-se também que a aquisição da escrita é um processo de construção de conhecimento, que nada tem de mecânico, em que a criança se envolve como sujeito e não como um objeto em que se despeja conhecimento.

Por isso, o texto de um aluno não deve ser avaliado pelo professor através de comparação com textos de colegas de classe tomado pelo professor como modelo, simplesmente para identificar os “erros” e penalizá-lo sem levar em consideração os seus ‘acertos” – do ponto de vista da norma culta – mas a escrita deve ser comparada com outros textos do mesmo aluno/ autor para perceber as dificuldades e os avanços no processo de aquisição do conhecimento.

A construção do conhecimento da criança com a escrita se dá por intermédio de sua família e de seu grupo social antes mesmo do seu ingresso na escola. A criança presencia a utilização da escrita de várias maneiras, ou seja, nos rótulos das mercadorias em cartaz, em jornais, revistas, em propagandas e conseqüentemente ela poderá perceber uma característica principal da escrita, que é o próprio fato da mesma possibilitar usos variados em decorrência das diferentes funções que cumpre.

Geralmente quando a criança está com quatro ou cinco anos, a família ou coleguinhas começam a prepará-la para o mundo da escrita, muitas delas chegam à escola semi-alfabetizadas, lendo e escrevendo algumas palavras. Fato “*que reflete um aspecto fundamental de que a escrita antes de ser um objeto escolar, é um objeto social e que em conseqüência disso, as crianças com ela interagem antes de ingressar na escola*” (CASTANHEIR, p. 45)

“A criança ao chegar à escola já traz um conhecimento. É nesse sentido que pensamos, devem fazer parte dos textos que se trabalham em classe e promover a máxima familiaridade com a informação prévia.” (TEBEROSKY e TOLCHINSKY p. 21)

Proporcionar ao aluno condições favoráveis, acolhedoras em relação a escrita, porque o valor que se dá a escrita na escola não pode inibir ou afastar o aluno do que se pretende. Uma das prováveis razões do aluno apresentar dificuldades para redigir no que diz respeito a segmentação do texto em frases, ao agrupamento dessas em parágrafos é a correção ortográfica levada a efeito na escola e que coloca a avaliação como único objetivo da escrita na produção de texto.

Para se produzir textos adequados – coerentes, coesos e eficazes – é necessário

“oferecer ao aluno inúmeras oportunidades de aprenderem a escrever em condições semelhantes as que caracterizam a escrita fora da escola. É preciso que se coloquem as questões centrais da produção desde o início: como escrever, considerando, ao mesmo tempo, o que pretendem dizer e a quem o texto se destina – afinal, a eficácia da escrita se caracteriza pela aproximação máxima entre a intenção de dizer, o que efetivamente se escreve e a interpretação de quem lê. É preciso que aprendam os aspectos notacionais da escrita (o princípio alfabético e as restrições ortográficas) no interior de um processo de aprendizagem dos usos da linguagem escrita. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a escrever, escrevendo.” (PCN, p. 66)

Para se construir escritor apto é necessário que a escola trabalhe produção de textos na classe, e sucessivamente com os diferentes tipos de textos e também use outros recursos, de maneira que o aluno perceba que diferentes objetivos exigem diferentes gêneros e estes, por sua vez têm suas formas e características que precisam ser aprendidas.

Pode-se afirmar que texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão. É uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que estabelecem a partir da *coesão* – conjunto de recursos por meio dos quais as sentenças se interligam – e também pela *coerência* – ligação ou nexos em palavras ou idéias. Esse conjunto de relações tem sido chamado de *textualidade*. Um texto só é texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global.

Lembrando que todos os *dados situacionais* vão influir tanto na produção de texto, como na compreensão.

“O encadeamento entre “... a relação da coesão e a coerência é estabelecida a partir da sequência lingüística que constitui o texto, isto é, os elementos da superfície lingüística é que servem de pistas, de ponto

de partida para o estabelecimento da coerência. A coesão ajuda a estabelecer a coerência dos textos, porque surge como uma manifestação superficial da coerência no processo de produção desses mesmos textos, pois, como diz Bernardiz – 1892, “o texto não é coerente porque as frases que o compõem guardam entre si determinadas relações, mas estas relações existem precisamente devido a coerência do texto. A relação entre coesão e coerência é um processo de mão dupla: na produção do texto se vai da coerência (profunda) a partir da intenção comunicativa, do pragmático até o sistemático, ao superficial e linear da coesão e na compreensão do texto se percorre o caminho inverso das pistas lingüísticas na superfície do texto à coerência profunda.” (KOCH e TRAVAGLIA, p. 42)

Apesar da *coesão* ajudar no estabelecimento da *coerência*, ela não é suficiente para se obter um texto coerente. Há de se ter sempre a necessidade de recorrer a conhecimentos exteriores ao texto – conhecimento de mundo, dos interlocutores, da situação, de normas, sociais, etc. etc.

“Como a coesão não é necessária, há muitos seqüências lingüísticas com poucas ou nenhum elemento coesivo, mas que constituem um texto porque são coerentes e por isso o que se chama de textualidade. São portanto textos sem coesão, mas coerentes.” (KOCH e TRAVAGLIA p. 42)

Um ponto muito importante a ser destacado é que o “uso de maneira imprópria dos elementos lingüísticos de coesão pode acarretar incoerência local pela violação de sua especificidade de uso e função.” Como por exemplo o uso de um conector que marca oposição (mas) quando seria necessário um conector aditivo (mais) ou o uso de um pronome

(mim) no lugar do (eu). Para mim fazer. É diferente de. Para eu fazer. Mim não faz, porque não pode ser sujeito.

Ainda falando sobre coerência, a qual tem competência para fazer com que uma sequência linguística qualquer seja aceita como um texto, o que ocorre é o intermédio de vários fatores, que dão liberdade para estabelecer relação: *sintáticas, gramaticais, semânticas e pragmáticas*.

Vale ressaltar, que é através do conhecimento de mundo que cada leitor tem, que ele vai construir modelo de mundo representado em cada texto – é o *mundo textual* – um mundo imaginário, sob o ponto de vista do leitor, vai depender de seus objetivos, crenças, convicções e propósitos. Mas, para acontecer a *coerência* de um texto, é necessário que haja correspondência pelo menos parcial entre os conhecimentos ativados no texto e o conhecimento de mundo do leitor, ao inverso não há condições de construir o mundo textual, para que as palavras e frases do texto tenham sentido.

“... o texto deve ser visto como uma sequência de atos de linguagem (escrito ou falado) e não uma sequência de frases de algum modo coesos, com isto, entram na análise geral do texto as condições gerais dos indivíduos como os contextos institucionais de produção e recepção, uma vez que estes são responsáveis pelos processos de formação de sentidos compreendidos com processos sociais e ideológicos”
(FAVERO, p. 12)

Enfatizando que o conhecimento dos *elementos linguísticos* e sua relação, por exemplo, com o texto de situação, também é importante para o cálculo do sentido e a percepção de um texto como coerente, um texto só é perfeitamente inteligível se houver conhecimento do uso dos *elementos linguísticos* – conectores como: e, porém, todavia, entretanto, nem sempre – em relação a situação de comunicação.

Como se vê, um texto contém mais do que o sentido das expressões na *superfície textual*, pois deve incorporar conhecimento e experiência cotidiana, atitudes e intenções, isto é, fatores não linguísticos. Deste modo um texto não é em si coerente ou incoerente, ele o é

para um *leitor/alocutário* numa determinada situação. Envolve conhecimento prévio, partilhado e de mundo.

“... a noção de coesão precisa ser “complementada” pela noção de registro entendido como “uma série de configurações semânticas que estão associadas as classes específicas de contexto de situação e que definem a substância do texto: o que ele significa no sentido mais amplo, incluindo todos os componentes de seu significado social, expressivo, comunicativo, representacional etc.” (FAVERO, p. 9)

A exemplo do adulto a criança usa outro recurso muito interessante para se expressar é a imagem (desenho) como complemento e serve como complemento de apoio para dar clareza ao que se pretende dizer em um texto escrito. Lembrando que é um recurso habitual em livros infantis, em histórias em quadrinhos, etc. Além disso, à sua volta, há materiais impressos em que ambos *elementos gráficos* estão presentes, tais como: nos objetos de uso cotidiano, nas placas indicadoras, cartazes de propaganda, nos livros, nas próprias roupas das crianças. Fato que a criança em maior ou menor medida, já está habituada a ela. Este estímulo tão familiar na nossa cultura, não passa despercebida pela criança.

“Dentro da perspectiva de escola piagetiana, o desenho, sendo uma imitação gráfica, reprodução material de um modelo, implica a função semiótica, entendida como a possibilidade de diferenciar significantes e significados. Para Piaget, a função semiótica aparece durante o segundo ano de vida, continuando, em outro nível as ações sensório-motoras iniciais. A linguagem, o jogo simbólico, a imitação referida, a imagem mental e a expressão gráfica envolve a função semiótica. Na posse dela, a criança é capaz de usar significantes diferenciados, sejam estes símbolos individuais ou sinais sociais (Piaget, 1966) A escrita também é um objeto simbólico, é um

substantivo (significante) que representa algo. Desenho e escrita – substantivos materiais de algo evocado – são manifestações posteriores mais gerais, no entanto diferem.” (FERREIRO e TEBEROSHY, p. 70)

Por intermédio do desenho é possível manter uma relação de semelhança com os objetos ou acontecimentos aos quais se refere. Já com a escrita isto não acontece. Em compensação, a escrita constitui, como a linguagem, um sistema de regras próprias, fato que o desenho não possui.

Embora uma criança que já esteja no segundo ano de escolaridade, tendo conhecimento da escrita bem diferenciada do desenho e domine certos mecanismos da escrita, em seus textos faz uso também dos desenhos para se expressar, funcionando como complemento explicativo de suas idéias no texto.

“Caberia perguntar-se se estas crianças usam o desenho como “escapatória” à difícil ordem de escrever, ou se o desenhar cumpre, além disso, uma certa função a respeito da escrita. Os dados que possuímos nos levam a preferir a segunda interpretação.” (FERREIRO e TEBEROSKY, p. 200)

Outro ponto interessante a ser destacado aqui, é a maneira pela qual os textos dos alunos são recebidos e avaliados pela instituição, isto tem contribuído para o achatamento e recuo da criatividade dos alunos; principalmente com relação àqueles procedentes de classe sociais menos favorecidas que trazem mais forte na linguagem os “desvios” do dialeto de sua classe social, com relação ao dialeto-padrão socialmente prestigiado, o qual a escola usa e quer que seja usada pelos alunos.

O dialeto não-padrão por imposição das convenções e das normas da escrita oficial escolar provoca desestímulo ao aluno pois as *formas dialetais* utilizada pela criança é vista pela escola como “vulgar”, “incorreta”, “feia” de “mau gosto”.

Com essa postura a escola não está levando em consideração o conhecimento de mundo do sujeito, pois no seu grupo social, o dialeto que usa é um instrumento adequado de

comunicação e interação quer seja com sua família, colegas ou seus primeiros grupos sociais, sendo isso de grande importância.

Porém isto não quer dizer que não se deva ensinar às crianças uma gramática formal, mas que o professor e aluno tenham consciência que seja respeitado as diferenças.

“Por mais ingênuo que possa parecer para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;*
- b) se tenha uma razão para o que se tem a dizer;*
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;*
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem Wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);*
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c), e (d).*

A observação mais despretensiosa do ato de escrever para a escola pode mostrar que, pelos textos produzidos, há muita escrita e pouco texto (ou discurso), precisamente porque se constróem quando a fala (e o discurso) é para valer.” (GERALDI, p. 137)

Segundo as pesquisas mais recentes, amplamente comprovadas em dados, o que leva o aluno à desistência é a repetência acumulada, é devido a inúmeros o problemas sócio-econômico, como: a necessidade de sobrevivência, crescimento físico, condições de saúde e desnutrição, nível de pobreza, tudo isso deve ser levado em conta pela escola porque interferem na aprendizagem. Além desses problemas externos, o aluno enfrenta dificuldade na escola, tais como: discriminação e repressão por parte da instituição com relação às *formas dialetais*.

Com olhar voltado para a aprendizagem foi possível perceber que as crianças sabiam muito mais que se poderia supor, as quais ao chegar a escola trazem uma bagagem de conhecimento significativo que deve ser valorizado pela escola pois “ser um usuário competente da escrita é cada vez mais, condição para a efetiva participação social” (PCN, p.

No tocante a avaliação da produção textual entendemos que os autores já citados comungam com a idéia de que a avaliação pode também tornar-se expediente para reconhecer o desafio do desempenho e nele incluir condições mais favoráveis ao educando. Porque não faz sentido um processo avaliativo que tenha como objetivo principal mostrar as diferenças e dificuldades para incluir os que não conseguiram assimilar o conteúdo ministrado num determinado momento.

Não se pode dizer que deve fantasiar condições de desempenho, porque numa sociedade tão desigual como a nossa, é claro que não existe ponto de partida igual.

O que se pretende é que a escola esteja a serviço da qualidade e através da avaliação alcance patamares mais intensos de inclusão no espaço educativo, pois deve ser sua principal função reconstruir oportunidades para aqueles alunos avaliados, que num determinado momento ainda não conseguiram assimilar o conteúdo exposto pelo professor.

Nessa perspectiva a avaliação textual tem que acontecer no dia a dia, pois para se alcançar o objetivo desejado é necessário que o trabalho esteja em constante ajuste, levando em consideração que o professor planeja e trabalha de acordo com as necessidades da classe, assim em outras palavras, a avaliação serve para *diagnosticar* os problemas e a partir da identificação destes, o educador trabalhará com mais segurança as dificuldades encontradas, valorizando é claro, a experiência de vida do sujeito/autor, pois toda criança ao chegar a escola traz consigo prévio conhecimento, mesmo que às vezes sem consciência de tal, tais como o conhecimento prático dos princípios da linguagem, o uso dos gêneros, dos números, das conjunções, etc. Ou seja, ele traz consigo a gramática natural, os sistemas de regras que formam a estrutura da língua, pois os falantes internalizam ouvindo a língua materna. O papel da escola, portanto, é oportunizar a ampliação da experiência e do conhecimento do aluno.

Levantamento dos dados

Os dados foram levantados a partir dos textos que os alunos trazem para a professora sempre com intenção de demonstrar carinho e se dizerem presentes.

A repetição das palavras é uma constante nos textos, como:

“tia eu te amo de mais

tia você é a professora da minha vida

tia nós ti ama tia a senhora é a professora legal!

Todos os textos contém gramática pois são “pequenos textos” com frases entre cortadas porém tendo coerência e coesão entre elas o que forma a trama do contexto e portanto o texto. Todas as frases apresentam sujeito e verbo e complemento, algumas plenamente de acordo com as regras da concordância, como:

“Professora eu gosta das senhora e Jesus também.”

“tia nós ti amamos de mais”

“... não sei se acenhora se lembra de mim mais eu jamais, esquecerei de você...”

porém as frases mesmo apresentando concordância contém palavras grafadas de forma errada para a norma culta, como:

“Oi queria tia Neuza

“tia nós ti ama”

“tia nós ti amamos de mais”

“... a cenhora foi quem me ensinou a ler e escrever...”

Os textos assim trazem no seu contexto mensagens de amor e carinho e afirmam o discurso religioso através de:

"Professora eu gosto da senhora e Jesus também"

O texto é pois o lugar em que o aluno transmite seu amor e a certeza de que ele não é só no momento, como:

"Professora eu ti amo!

de mais nunca vou ti esquecer."

O carinho e o amor de um aluno pela professora é claro e evidente dentro da sala de aula e se torna até emocionante quando em forma de uma carta singela chega às mãos da professora um : texto" de uma aluna que onze anos depois de ter cursado a 1ª série escolar resolve escrevê-lo para dar prova da importância dessa professora para a "pequenez do mundo" da aluna, isto fica claro e evidente em:

"... não sei se acenhora se lembra de mim eu jamais esquecerei de você..."

"... a cenhora foi que me ensinou a ler e escrever..."

"... eu já estou cazada e já tenho uma filha de 3 anos e estou grávida de 1 mes..."

"... estou com 18 anos..."

Este texto traz no seu bojo uma mensagem de carinho e mais que isso dá a certeza a quem o lê que a "moça-mulher", nunca se esqueceu daquela que foi um dia, então única professora.

"... pois depois que sai daí nunca mais fui a escola..."

A criança não se contenta somente em usar a palavra para expressar seus sentimentos e então demonstra-os através de desenhos, podemos observar uma escola, um barco, uma rosa e uma bandeira.

Apesar de serem os primeiros textos escritos pelas crianças, as mesmas demonstram uma bagagem de conhecimento expressiva sobre a escrita, fazem uso de numeral:

"... já tenho uma filha de 3 anos e estou grávida de 1 mês estou com 18 anos... um beijo, 14/06/99"

Os alunos usam também pronomes:

"Tia eu ti amo... tia você é a professora da minha vida... nós ti ama..."

"... tia nós tiamamos... a cenhora foi quem me ensinou..."

Fazem uso de advérbio, vejamos: já, jamais, depois, nunca, mais, qualquer, não bem, mais.

Nos textos os alunos usam nomes próprios com letras maiúsculas, em:

Neuza, Rosemary Batista Alves, Rodrigo, Jesus, Elzeni da Silva Sguarizi, Joelma, Ariene.

Usam também letras maiúsculas no início de frase:

"Oi queria tia Neuza..."

"Professora eu ti amo"

"Professora eu gosto de voce..."

"De sua aluna Ariene..."

"Eu te amo..."

Quanto a ortografia os alunos demonstram ter bom conhecimento não apenas de sílabas simples mas também de sílabas complexas apesar de aparecerem alguns "erros", vejamos alguns exemplos:

"...Não sei se acenhora lembra de mim mais eu jamais esquecerei de você a cenhora foi quem me encinou a ler e escrever..."

"... estou escrevendo este bilhete..."

"escrevo isto porque eu te amo no fundo do meu coração..."

"... você é a rosa do meu jardim... seja feliz."

Com relação aos problemas relativos à grafia do ponto de vista da norma culta, pode-se apontar aqui situação em que os alunos cometeram vários erros, substituem letra por outra que mantém a mesma forma fonética, como:

Neuza, acenhora, encinou, muinta, culauquer, vizitar, cazada, nuca, esquese.

E também aparece "erros" como a falta de letra maiúscula no início de frase.

"tia eu te amo"

"tia eu estou escrevendo este bilhete..."

As crianças ainda não dominam a pontuação, mas constróem os seus períodos como seqüências de orações simplesmente justapostas ou coordenadas por "e" ou ligadas por outros procedimentos como a repetição:

"... eu já estou cazada e já tenho uma filha de 3 anos e estou grávida de um mês..."

"tia eu ti amo de mais..."

"tia você é a professora..."

"tia nós ti ama tia a senhora é a professora legal..."

"tia estou escrevendo..."

“não sei se acenhora se lembra de mim...”

Provavelmente, na oralidade, isto teria sido dito com outra entonação, e talvez mais rápido e em outro tom em relação ao restante. Ressaltando que nos textos em análise aparece apenas uma vez (acenhora).

Levantamento de dados da pesquisa realizada com os professores

Para levantamento dos dados sobre como avaliar a produção textual numa sala de aula da terceira fase do primeiro ciclo, a pesquisa de campo foi realizada com três professores que têm larga experiência em sala de aula no referido ciclo das Escolas Estaduais da cidade de Pontes e Lacerda.

Para melhor clareza na exposição dos dados, denomina-se professor A, B e C.

Na primeira questão: qual é o seu grau de formação e quantos anos atua em sala de aula? A professora A, respondeu que concluiu o 2º grau (magistério) e atua em sala de aula a 17 anos, a professora B, está terminando o curso de Letras e atua em sala de aula a 11 anos, e a professora C, é formada em Licenciatura Plena em Letras, atua em sala de aula há 18 anos.

A segunda questão é a seguinte: na sua opinião o que é produção textual? A professora A, respondeu que *“produção textual pode ser desde as mais simples palavras até as mais variadas formas de frases e textos”*, e a professora B, disse que *“produção textual é tudo o que o aluno escreve, de acordo com seus conhecimentos e sua realidade”*, e a professora C, respondeu que *“produção textual é a expressão das idéias a respeito de um determinado assunto que é do conhecimento do aluno”*.

A terceira questão é: qual a importância da produção textual do aluno da 3ª fase do 1º ciclo?

A resposta da professora A, está confusa, a professora B, respondeu *“que é de fundamental importância não só nesta fase nas demais séries”*, a professora C, respondeu que *é de fundamental importância porque estimula o raciocínio e a criatividade, porque nesse momento o aluno não espera tudo pronto e acabado, ele mesmo imagina, cria suas próprias histórias”*.

A quarta pergunta é: de que maneira pode ser avaliado a produção textual? A professora A respondeu que *“avalia de maneira cuidadosa, valoriza os avanços, o esforço e a criatividade do aluno, para que o mesmo não se sinta desvalorizado e desmotivado em produzir textos”*, a professora B, respondeu apenas dizendo que depende do objetivo que

cada professor deseja alcançar através da produção de textos, a professora C, disse que *“nessa fase do ciclo podemos avaliar o envolvimento do aluno no processo ensino-aprendizagem, sua criatividade, sua participação, exposição das idéias e a organização da mesma”*.

A quinta pergunta dirigida aos professores é: quais os critérios que podem ser utilizados na avaliação textual? A professora A, disse que *“pode-se avaliar de várias formas, observando se o texto do aluno se tem seqüência lógica dos fatos e das idéias”*, a professora B, disse que *“existem vários critérios, avalia parágrafo, pontuação, desenvolvimento do assunto, conclusão, coesão e coerência”*, e a professora C, disse que *“cada professor usa critério a que melhor domina, mas não deve ser esquecido que a aprendizagem numa classe não é homogênea, os alunos são diferentes um dos outros, por isso é necessário registrar os avanços e dificuldades de cada aluno em cadernos ou fichas”*.

A sexta questão é: em Língua Portuguesa o que você avalia na produção textual? A professora A, disse que *“avalia num todo, porém procura avaliar a coerência e a coesão contida no texto”*, a professora B, também valoriza todo que seu aluno escreve e também seu interesse, a professora C, disse que *“nas séries iniciais dá prioridade ao envolvimento do aluno no processo de construção do texto, suas idéias, clareza, objetividade e organização”*.

A sétima e última pergunta é: você leva em conta os textos que seu aluno traz para você? Como? Todas as três professoras responderam que *“sim, ao recebê-los lêem, agradecem, elogia-os e aproveitam alguns para trabalhar gramática e dialogar com os alunos”*. Além disso a professora B expõe alguns textos no mural da classe.

Análise dos dados levantados a partir dos textos dos alunos

“Considero a produção de texto (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo processo de ensino/aprendizagem da língua (...) Sobretudo porque é no texto que a língua (...) se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo e enunciação marcada pela temporalidade e de suas dimensões (...) as diferentes articulações são também responsáveis pela produção de novos sentidos...” (Geraldi, p. 135)

Através do texto o sujeito/autor desenvolve sua capacidade expressiva, expõe seus sentimentos, alegrias, ansiedades, desejos, e mesmo que não deixe explícito é possível percebê-los através de pistas deixada pelo autor, saber algo que está exteriorizado.

Nesse sentido é preciso que o leitor conheça o contexto no qual sujeito/autor está inserido e tenha noção do que está à sua volta para que haja interação entre autor/texto, leitor/texto.

O aluno dentro da sala de aula vai produzir seu texto a partir do seu conhecimento de mundo pois cada autor vai escrever a partir do seu meio social, portanto o conhecimento que o aluno adquire na escola só será significativo “... na medida que conseguir estabelecer relações substantivas e não arbitrárias entre os conteúdos escolares, os conhecimentos previamente construídos por eles num processo de articulação de novos significados.” (PCN, p. 52)

Nos dias atuais a escola trabalha com uma clientela com diferenças dialetais variadas. Portanto, cabe à mesma encontrar maneiras para trabalhar essas diferenças sem desqualificá-las, sem taxá-las como “erros” perante a escrita cursiva.

Através de perguntas investigativas, soube-se que os textos são produzidos com ajuda da família.

Assim sendo, os textos expressam exatamente o que o sujeito/autor quis transmitir ao leitor. São alunos oriundos de classe social menos favorecida.

Ressaltando que os autores destes textos em análise estão na terceira fase do C.B.A., com idade de 7 a 8 anos, exceto o texto da garota de 18 anos, portanto não se trata de alunos repetentes.

Em se tratando de condições e motivações para se produzir um texto, os autores destes têm na realidade o que dizer, e o faz buscando expressar seu carinho pela professora, através das expressões: *"Professora eu te amo"*.

Neste contexto o sujeito/autor tem uma razão para dizer o que se tem a dizer, uma vez que pretende externar seu carinho à professora no momento da produção, ou que se quer chamar a atenção do leitor/professor que representa concretamente para ele a imagem que faz da escola. Escreve porque se tem para quem dizer (professor) se constituindo como locutor que se compromete com o que se diz, caso seja levado a sério, (valorizado/respeitado) o sujeito/autor terá que comprovar o que diz. Daí a necessidade da atenção e compreensão por parte do leitor, uma vez que a linguagem utilizada nestes textos não está totalmente de acordo com escrita cursiva.

"tia nós ti ama"

"tia nós tiamamos de mais"

"... não sei se acenhora se lembra de mim..."

A criança se interage com a leitura/escrita antes de chegar a escola, pelo fato das duas serem objetos sociais e não apenas escolar. Fato que a instituição escola finge não enxergar, tenta encaixá-la na norma culta, de forma arbitrária, porque o professor não se posiciona no lugar de mediador do conhecimento.

Através dos dados levantados se comprova que o aluno tem internalizado as regras gramaticais, faz uso de certos mecanismos permitindo que o texto seja coerente e coeso. Quase todos os textos apresentam sujeito, verbo, e complementos, letras maiúsculas no início das frases, sílabas complexas, pronomes, numeral, advérbio, etc. Esses mecanismos são exigidos pelas regras gramaticais da norma culta.

Estruturação das frases:

— “Professora eu gosto de você e Jesus também.”

— “tia nós te amamos de mais.”

— “já tenho uma filha de 3 anos e estou grávida de 1 mês estou com 18 anos... um beijo, 14/06/99”

advérbio: jamais, depois, nunca, bem, não

pronomes: nós, quem, eu

nomes próprios: Elzeni, Joelma, Ariene, Rosenary

“Não é a gramática abstrata, mas a vida em comum que deu uma língua comum. Ensinar a língua é ampliar a experiência do aluno com a nossa.

Por isso importa ensinar a língua e não a gramática, pois esta deve constituir um dos meios para alcançar o objetivo que se tem em mira” (Geraldí, p. 121)

Não se quer dizer com isto, que os textos não apresentem problemas referentes à grafia, coerência, pontuação entre outras coisas. Há frases que apresentam concordância mas contém palavras grafadas de forma errada para a norma culta como:

“Oi queria Tia Neuza...”

“Tia nós tiamamos de mais

“a senhora foi quem me encinou a ler e escrever pois depois daí nunca mais fui a uma escola...”

“Tia eu me escrevo isto porque eu te amo.”

Esta última frase citada acima não apresenta coerência porque o pronome oblíquo me não pode ser sujeito, ele sempre será objeto, isto é, segundo regras da norma padrão. Mas a criança não a tem internalizada. Cabe então à escola desempenhar seu papel na construção do conhecimento sem menosprezá-lo.

É respeitando o dialeto usado pela criança e despertando nela a consciência das variedades dialetais, que a escola mais facilmente leva-a dominar o dialeto padrão. Portanto na avaliação da escrita seu conhecimento prévio não pode ser desconsiderado.

Pois “.. Quando se dá oportunidade a criança de conseguir compreender a natureza da linguagem e o

caráter social das variedades dialetais; naturalmente, valorizam sua própria linguagem, seu modo de dizer, sua comunidade lingüística.” (Franchi, p. 141)

Os textos trazem no seu contexto mensagens de amor e carinho à professora não apenas quando se está em sala de aula, isto fica claro e evidente e se torna até emocionante quando em forma de uma carta singela chega às mãos da professora um “texto” de uma aluna que 11 anos depois de ter cursado o primeiro ano de escolaridade resolve escrevê-lo para dar prova da importância dessa professora na “pequenez do mundo” da aluna, como podemos comprovar através de suas palavras.

“Não sei se acenhora se lembra de mim mais eu jamais esquecerei de você”

Este texto traz no seu bojo uma mensagem carinhosa, mais do que isso dá a certeza a quem o lê que a “moça-mulher” nunca se esqueceu da professora, a qual foi um dia, sua, então, única professora.

“pois depois que sai daí nunca mais fui a escola...”

“eu jamais esquecerei de você...”

“estou com muitas saudades...”

Estamos portanto diante de um texto que apresenta vários “erros” de grafia, troca de fonemas como: Meuza (Neuza) acenhora (a senhora) mais (mas) qualquer (qualquer) vizitar (visistar) estou cazada (estou casada) entre outros.

Mas considerando o todo, a superestrutura – a forma global do texto – é possível compreende a mensagem contida no mesmo. A maneira pela qual a autora de 18 anos se expressa, com desenvoltura impressionante, nota-se que é uma pessoa extremamente inteligente, porém uma série de circunstância a distancia da escola.

“... depois que saí daí nunca mais fui a uma escola...”

Quando ocorre a produção de texto o autor o constrói a partir do seu conhecimento lingüístico, do conhecimento de mundo, do conhecimento partilhado, inferências, fatores de contextualização, intencionalidade, informatividade, focalização, aceitabilidade e relevância. Reforça a idéia de que o texto contém mais que o sentido das expressões na superfície, incorpora conhecimentos e experiência cotidiana, atitudes, e intenções – fatores não lingüísticos.

Em um texto vários, elementos estão em situação de interdependência, para haver a compreensão. Esses recursos são estabelecedores do que a lingüística, chama de *coesão textual*. Mas não só ela, manifesta a importância do conhecimento lingüístico – dos elementos da língua, seus valores e usos – para a produção do texto e sua compreensão e, portanto para o estabelecimento dos elementos lingüísticos e sua relação, por exemplo, com o *contexto de situação*, que também é importante para o cálculo do sentido e a percepção de um texto como coerente. Assim um texto só é perfeitamente inteligível se houver conhecimento do uso dos elementos lingüísticos como: eu, já, e, entre outros em relação com a situação de comunicação, exemplo:

“Oi queria Tia Neuza... estou com muita saudade... eu já estou cazada e já tenho uma filha de 3 anos e estou grávida de 1 mês...”

Nota-se que para entender melhor este texto é preciso ter conhecimento sobre a autora – contexto.

Entender que a autora do texto não se encontra no lugar geográfico onde o leitor dele (a professora) está, e que o presente que o autor vive é diferente da história que ela vivia quando estava em contato direto com o leitor, portanto a autora contextualiza-se para que o leitor (professora) entenda sua situação de hoje, onze anos depois de se terem deixado de ver.

Ao lermos este texto,

“Professora eu te amo e Jesus também”

sabemos que o aluno/autor tem conhecimento da Bíblia, através da palavra “Jesus” afirmando assim o discurso religioso. Esta interação entre autor/texto/leitor, ocorre quando o leitor também tem conhecimento do assunto citado.

“É a partir dos conhecimentos que temos que vamos construir um modelo do mundo representado em cada texto – é o mundo textual. (...) Os elementos textuais que remetem ao conhecimento partilhado entre os interlocutores constitui a informação “velha” ou dada, ao passo que tudo aquilo que for introduzido a partir dela constituirá a informação nova traduzida pelo texto. Para que um texto seja coerente, é preciso haver

equilíbrio entre a informação nova trazida pelo texto."

(Koch e Travaglia, p. 63 e 64)

Através destes textos em análise pode-se perceber que a criança é extremamente inteligente, faz uso de artifícios para se expressar, nos textos aparecerem desenhos, em um deles é desenhado um barco, com uma bandeira, um flor dentro do barco, este tem duas janelas e uma porta, todas estão fechadas. Porque segundo a própria criança/autora este barco está navegando em alto mar, e pinta o desenho com cores diferentes.

A bandeira significa que os tripulantes são brasileiros, portanto todas que avistarem o barco saberá que a língua usada é a Língua Portuguesa.

Perguntei a criança porque desenhou o mar e não um rio de nossa região por exemplo o rio Guaporé? Ela disse que este barco é de médio porte, é bem equipado, portanto, pode navegar tranquilamente no mar. Outra coisa, no vasto mar, é possível encontrar pessoas estrangeiras com língua, usos e costumes diferentes. Ela explica também que tem assistido na TV muitos comentários sobre o aniversário de 500 anos de descobrimento do Brasil. Portanto esta viagem também faz parte desta comemoração.

O aluno demonstra saber usar a linguagem escrita juntamente com os desenhos, concilia os dois elementos para expressar o que deseja. São artifícios comumente usados pelo adulto, presenciado pela criança. Então faz a imitação do real e o faz com clareza.

"Você é a rosa do meu jardim..."

Dentro do barco desenha uma rosa com cores alegres. O uso dos sinais gráficos é muito importante pois através do desenho pode-se estabelecer relação de semelhança com os objetos, explicitando a idéia que se deseja transmitir.

2- Análise dos dados a partir das entrevistas com três professoras

“... Numa relação não autoritária e numa prática pedagógica que se fundamenta no diálogo, na liberdade e no respeito à criança há condições favoráveis de se estabelecer a interação e, com isso de deixar fluir os mais variados efeitos de sentidos”
(Costa, p. 44)

Quando se dá oportunidade à criança de usar a escrita para contar sua história, ainda que não domine certos mecanismos da escrita cursiva esta se sentirá motivada avançar cada vez mais no processo ensino/aprendizagem.

A criança ao vir para a escola traz consigo uma história de vida recheada de emoções e fatos vividos, e o professor ao considerar isto, faz com que flua a criatividade tornando-o leitor e autor competente.

O processo ensino-aprendizagem considera o aluno como um todo, e o texto que ele produz sem exigência do professor, tem conteúdo significativo pois é produzido a partir do lugar sócio-econômico-cultural em que está inserido. Contendo pois estes textos, elementos gramaticais de linguagem coloquial, mas que não desmentem a culta.

Com relação ao ensino e a correção da gramática esta pode ser feita a partir do texto. Pois *“... o ensino gramatical somente tem sentido se for para auxiliar o aluno”* (Geraldí, p. 63)

Evitando assim, entre os alunos a incerteza e ansiedade, deixando fluir a espontaneidade, a criatividade, e a capacidade de reflexão.

O principal objetivo do processo avaliativo deve ser em detectar as dificuldades, para serem trabalhadas (sanadas) com recursos adequados, visando sempre o crescimento do aluno. Dessa forma será ampliada a oportunidade de inclusão.

Ao analisar as respostas das professoras, estarei apresentando apenas os pontos divergentes entre as mesmas, isto para não se tornar repetitivo. Nos pontos convergentes estarei realizando breve comentário.

Em relação a primeira questão todos atuam em sala há mais de dez anos, todas cursaram o magistério, somente a professora C tem curso superior Letras.

Com relação a segunda, terceira, e quarta questão, as respostas foram parecidas. Exceto a resposta da professora A que está confusa:

“ _ Produção textual é tudo o que o aluno escreve de acordo com seus conhecimentos”

Quanto a importância e a maneira de ser avaliado a produção

“É importante para estimular o raciocínio e a criatividade”

“Que valorizar os avanços, esforço, a criatividade, organização das idéias”

Quanto a quinta questão, quais os critérios que podem ser avaliados na produção textual?

As professoras divergem em suas respostas, vejamos:

Professora B – *“parágrafos, pontuação, conclusão e coerência”*

A – *“se o texto tem sequência de fatos e idéias, etc.”*

C – *“... registrando em fichas, cadernos ... avanços e dificuldades.”*

Apenas a professora B demonstra preocupação com o ensino da gramática.

Na sexta questão há divergência entre as respostas, vejamos:

A professora A demonstra preocupação em avaliar a gramática.

“... o mais importante para mim é avaliar a coesão e a coerência”

B – *“Valorizo tudo... seu interesse em escrever”*

C – *“Nas séries iniciais dou prioridade... a clareza, objetividade e organização”*

Quanto a sétima resposta as mesmas convergem em afirmarem que leva em consideração os textos que os alunos trazem para a professora.

As professoras A e B.

“pego algum para trabalhar gramática”

C – Aproveita para dialogar com o aluno

“Ele vai confiar e terá liberdade buscando o diálogo”

Dentre as professoras entrevistadas nota-se que aquela que é graduada em Letras demonstra ser mais consciente em seu trabalho, pois tem melhor conhecimento das teorias ligadas ao ensino da Língua Portuguesa. Quando afirma que:

“Nesta fase (2ª série) podemos avaliar o envolvimento no processo de aprendizagem, sua participação criatividade, idéias e organização das mesmas.”

Em momento algum demonstra preocupação no ensino da gramática, busca trabalhar a produção textual dando liberdade ao aluno de expressar seu conhecimento de mundo para que o mesmo tome gosto pela escrita.

Vale ressaltar que através das respostas das professoras A e B nota-se que as mesmas se contradizem, primeiro afirmam que produção textual está centrada nos conhecimentos e na realidade do aluno/autor, todavia afirmam que o que pode ser avaliado no texto do aluno é a gramática normativa.

Nota-se que as respectivas professoras estão equivocadas, frente as suas afirmações. Há diferença para a escola onde se ensina normas e regras e exigem que sejam seguidas, ou seja, o aluno vai escrever o que o professor quer que escreva e entre aqueles textos que se produzem em casa, neste caso o aluno vai escrever trazendo seu conhecimento de mundo ligado ao contexto social em que vive, vai articular seu discurso sob seu ponto de vista sobre o mundo, não de forma mecânica, apenas por vãs repetições. Mas de maneira que esteja favorecendo, aprofundando e tornando amplo o conhecimento que o educando tem a respeito da linguagem e proporcionando condições de desenvolver muito mais sua autonomia.

O que se percebe através da entrevista com as professoras A e B é uma preocupação exagerado com o ensino e a cobrança do uso do dialeto padrão.

Baseada nestas respostas percebe-se que as professoras ainda são seguidoras do tradicionalismo, mesmo sabendo que essa prática pedagógica tenha caído em desuso há tempo.

Com relação a avaliação textual os autores citados nesta análise concordam que o principal objetivo do processo avaliativo é detectar as dificuldades e não para excluir o aluno da escola, ao contrário serve para ampliar a oportunidade de inclusão, tendo em vista que o professor terá informações claras do que deve ser trabalhado, e então possa oferecer recursos adequados para fomentar o crescimento. Segundo eles a avaliação deve ser usada para diagnosticar, com intuito de recuperar dia-a-dia a oportunidade de desenvolvimento da

criança visando o seu crescimento. Afim de coibir o fracasso escolar e consequentemente a desistência. *“Segundo as teorias mais recentes, amplamente comprovadas em dados, o que leva à desistência é a repetência acumulada”* (DEMO, p. 63)

Quando o professor se coloca como detentor do saber, anula a posição do pensante como sujeito, neste caso faz-se necessário repensar as práticas pedagógicas, pois *“ao descaracterizar o aluno como sujeito, impossibilita-se-lhe o uso da linguagem.”* (GERALDI, p. 122)

Confrontando as teorias usadas nesta análise com os textos dos alunos e as respostas das professoras, percebe-se que as teorias afirmam que o sujeito/autor chega à escola carregada de ideologias distintas (família, igreja, vizinho, TV) traz consigo uma grande bagagem de conhecimento internalizado —é o conhecimento prévio. Fato que se comprova através dos textos analisados, nos quais os autores dos mesmos empregam seu conhecimento de mundo — sua historicidade — seu dialeto adquirido naturalmente.

A escola não valoriza este conhecimento. Tenta encaixar o aluno na norma padrão de forma mecânica. Isto parece fácil mas não é, pois os sentidos estão ligados ao contexto. A produção textual contempla todos os aspectos sociais e técnicos, (regras).

O que se percebe através das respostas das professoras A e B é que ainda estão cometendo “erros” no tocante a sua prática pedagógica. Quando afirmam que *“... o mais importante para mim é avaliar no texto.”* E o conhecimento prévio do aluno? Os teóricos afirmam que nesta fase a prioridade é a bagagem, a idéia que está no texto, e que a gramática deve ser ensinada a partir deste conhecimento sem penalizar o aluno, dando oportunidade de se expressar livremente. Pois é valorizada a cultura que o aluno/autor vai assimilar, novos conhecimentos, sendo escritor apto, produzindo seus textos coerentes, coesos e eficazes, conhecendo as possibilidades que estão postas culturalmente.

Considerações Final

“É pela mediação da linguagem que a criança aprende os sentidos atribuídos pela cultura às coisas, ao mundo e às pessoas; é usando a linguagem que constrói sentidos sobre a vida, sobre si mesma, sobre a própria linguagem. Essas são as principais razões para, da perspectiva didática, tomar como ponto de partida os usos que o aluno já faz da língua ao chegar à escola...” (PCN, p. 101)

Como já vimos, ao chegar à escola a criança se depara com outras crianças e adultos com costumes, culturas e ideologias diferentes. É um momento ímpar em sua vida, esta começa então a descobrir coisas novas, nada passa despercebido à sua volta. O contato com o novo é fundamental. Parte então para o desenvolvimento verbal criativo da comunicação oral e inicia a escrita embasada no livre exercício da capacidade expressiva e comunicativa da mesma.

Tendo chegado ao final desta análise, pude constatar que

“... produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos envolve atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação, e a escolha de meios adequados à realização de objetivos.” (KOCH, p. 22)

A produção textual contempla os aspectos sociais, econômicos e político em que o aluno/autor vive, o seu conhecimento de mundo, ao se expressar através da escrita vai se construindo enquanto sujeito de seu discurso.

Quando se dá oportunidade ao aluno de se expressar através do texto, ele o faz a partir do seu meio, do lugar em que está, usa elemento implícito, estabelece relações entre o texto e outros textos já lidos, por isso vários sentidos podem ser atribuídos a um texto. Ou seja, quando alguém faz uso da linguagem o faz de algum lugar localizado na história e na cultura, definidos nas múltiplas marcas de identidade social conforme seus valores, ideologias e crenças.

Cabe à escola, viabilizar meios pelos quais o aluno tenha acesso à verdadeira educação, comprometida, com o exercício da cidadania, oferecendo condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem, de maneira que satisfaça às necessidades pessoais e de seu grupo social sempre ligadas as ações efetivas do cotidiano, pois qualidade é criatividade, inovação e progresso.

Apesar da escola estar admitindo hoje, que a criança constrói um conhecimento e que esse conhecimento se dá por um processo demorado, ela ainda avalia o aluno pelo produto de sua escrita, com base no modelo tradicional ultrapassado, pautado em detectar “erros” com intuito de penalizá-lo, deixando de reconhecer e valorizar a essência, a aquisição progressiva do conhecimento.

Através de liberdade de expressão nossos alunos automaticamente passarão a produzir textos interessantes e criativos.

É preciso que o professor saiba avaliar um texto, deixando claro ao aluno qual o seu objetivo, se vai trabalhar a ortografia, ou outro aspecto gramatical, para evitar que o aluno fique frustrado diante das marcas, as quais pontuam os “erros” cometidos pelo autor.

Entendo que o aluno se torna realmente sujeito do seu texto quando expressa livremente o que quer, para quem quer e como quer, respeitando as regras, é claro, mas esta deve ser ensinada a partir do seu conhecimento.

É preciso então que a Escola se disponha a entender como se dá o processo ensino-aprendizagem.

Bibliografia

- CASTANHEIRA, Maria Lúcia. Da Escrita no Cotidiano à Escrita Escolar. In Leitura e Prática. Campinas, 1992
- COSTA, Rita de Cássica Maria e Silva. A Leitura na sala de aula: o velho e o Novo em conflito. In Leitura: Teoria e Prática, Campinas. 1993
- DEMO, Pedro. Avaliação - Sob o Olhar Propedêutico. UnB. Mar./ abr. 1996.
- FÁVERO, Leonor Lopes. Coesão e Coerência Textuais. 9ª Ed. Ática. SP. 1983
- FERRERO, Emília e Teberosky, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Artes Medices, Porto Alegre, 1999
- FRANCHI, Englê. E as Crianças Eram Difíceis - : A redação na escola. Martins Fontes, SP. 1993 – Texto e linguagem.
- GERALDI, João Wanderley. Portos e Passagem. 4ª Ed. Martins Fontes. S.P. 1997
- _____. O Texto na Sala de Aula. – Leitura e produção. Ed. ASSOESTE. Pr. 1984
- KOCH, Igedore Villaça e Travaglia, Luiz Carlos. Textos e Coerência. 5ª Ed. Cortez, S.P. 1997
- _____. e Travaglia, Luiz Carlos. A Coerência Textual – Repensando a Língua Portuguesa. 8ª ed. Cortez, S.P. 1997
- _____. O Texto e a Construção dos Sentidos. 2ª Ed. Contexto, 1998 (Caminhos da Linguística)

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. 4ª Ed. Cortez 1999

Parâmetros Curriculares Nacionais Introdução aos Parâmetros Nacionais/
Secretaria de Educação Fundamental MEC/SEF, 1997

TEBEROSKY, Ana e Tolchinsky, Liliana. Além da Alfabetização. A
aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. Ática,
S.P. 1997

ANEXOS

①

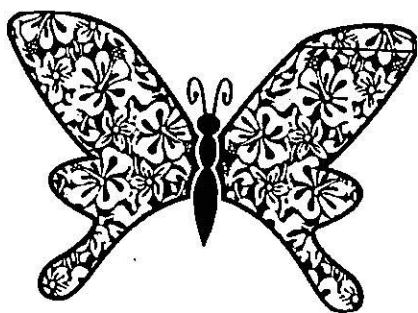
proprietário do gosto
da memória e forma

também.

RODRIGO: NEWY

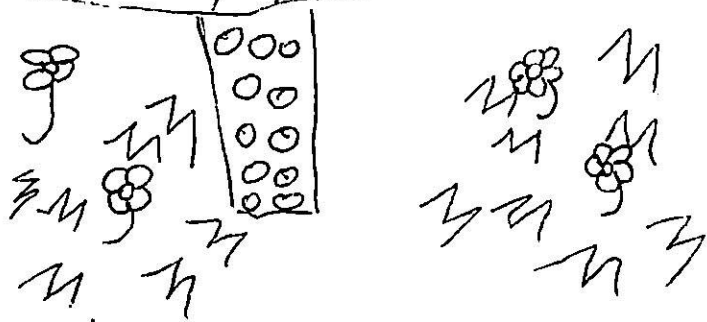
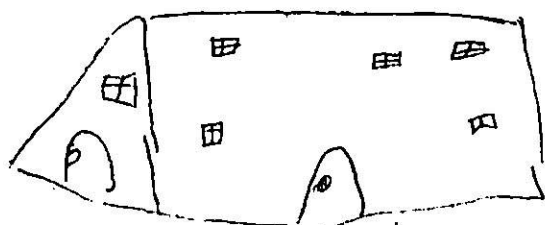
tu sou te amo de mais
tu vejo a propriedade da minha vida
tu não li ama. tu a sabedoria e a propriedade - Regal
tu eu estou encerrando este bilhete
porque eu li ama.
tu a memória e a propriedade mais da memória vida
tu não chamamos de mais
tu eu me ocorre isto porque eu li amo na fundo
de meu coração um desejo B D sou como B D
alternativa: folha de novo olha

②

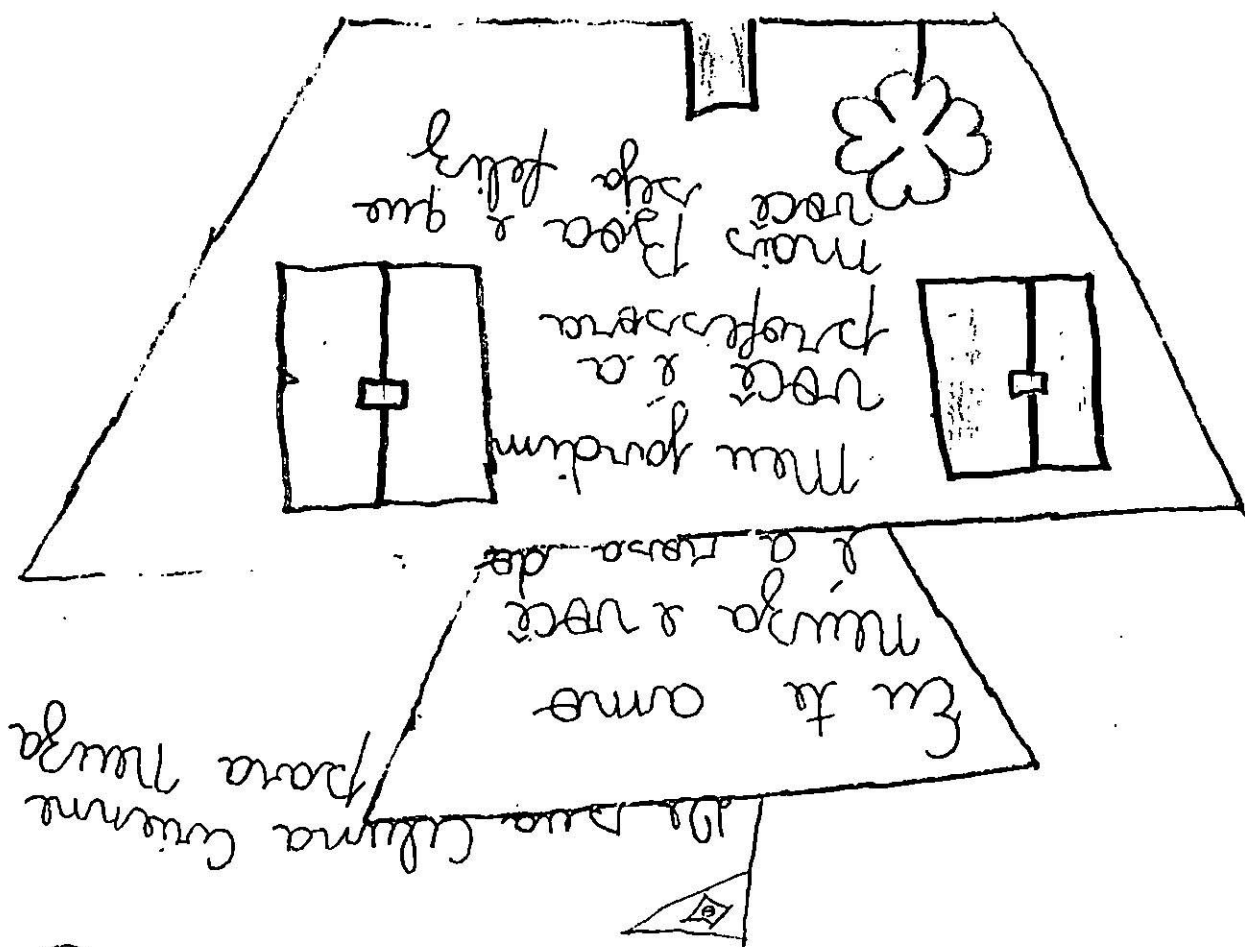


5

Professora eu ti amo!
de mais nunca vou ti
esquecer



Elzenilda Silva Squarizi



③

54
06
55

(7)

Saudações!

li queria dizer sempre
como vai bem contigo
está tudo bem não
sei se acentuarei
lembrava de mim mais
eu já não esqueci
de ver a senhora foi
quasi me encimou a
ser o mesmo para
depois que soude
muito mais para
uma escola
estou com muitos
poucos a qualquer
hora eu vou a
te visitar eu já
estou cansada e
já tenho uma filha
de 3 anos e estou
grávida de 3 mos

estou com 3 anos
um mês para
acabara eu te
odoro de
sua alma

Stoarmay Batista Almeida

1 nova

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Campus Universitário de Pontes e Lacerda

Departamento: Letras

Disciplina: Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura

Discente: Neuza Barros Blecha

1- Qual é o grau de formação e quantos anos você atua em sala de aula?

R. Conclui o 2º grau (magistério), e atuo em sala de aula a 17 anos.

2- Na sua opinião o que é produção textual?

Produção de texto na minha opinião é desde as primeiras palavras até as mais variadas formas de frases e textos.

3- Qual a importância da produção textual do aluno da 3ª fase do 1º ciclo.

Aproveitando que o aluno já deve estar alfabetizado e oferecer-lhe diversos tipos de textos, e sobretudo textos interessantes e criativos que chamem a atenção e despertem o gosto em criar textos.

4- De que maneira pode ser avaliado a mesma?

É importante valorizar os avanços que a criança teve, seu esforço e sua criatividade para que a mesma não se sinta desmotivada e desvalorizada em produzir.

5- Quais os critérios que podem ser utilizados na avaliação textual?

O professor avaliará de várias formas: observando se o aluno entendeu o significado do texto; se ele é capaz de recontar o texto lido; se seu texto tem uma sequência de fatos e ideias, etc.

6- Em Língua Portuguesa o que você avalia na produção textual?

Apesar de avaliar nem tudo, o mais importante para mim é avaliar a coerência e a coesão contidas no texto.

7- Você leva em conta os textos que o seu aluno traz para você? Como?

Sim. São pequenos textos simples mas feitos com muito carinho e simplicidade. E em seus textos é o que eles pensam da gente. Lido com agrado e as vezes aproveito para fazê-los compartilhar pequenos erros, depois guardo os.

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Campus Universitário de Pontes e Lacerda

Departamento: Letras

Disciplina: Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura

Discente: Neuza Barros Blecha

1- Qual é o grau de formação e quantos anos você atua em sala de aula?

Estou terminando o curso de Letras e atuo a 11 anos como professora.

2- Na sua opinião o que é produção textual?

Produção textual é tudo que o aluno escreve, de acordo com seus conhecimentos e sua realidade.

3- Qual a importância da produção textual do aluno da 3ª fase do 1º ciclo.

É de fundamental importância não só na 3ª fase, mas como em todas as outras que o discente se encontra.

4- De que maneira pode ser avaliado a mesma?

Depende de cada um professor, pois cada um deve saber, qual o objetivo a ser alcançado, aplicando produção de texto em sala de aula.

5- Quais os critérios que podem ser utilizados na avaliação textual?

Na minha opinião existem vários: parágrafo, pontuação, desenvolvimento do assunto, conclusão, coesão e coerência etc. Depende de cada professor.

6- Em Língua Portuguesa o que você avalia na produção textual?

Valorizo tudo o que meu aluno escreve, também seu interesse em escrever, sua busca de conhecimentos. Valorizando tudo o que ele escreve, despertando seu interesse e eles crescem cada vez mais.

7- Você leva em conta os textos que o seu aluno traz para você? Como?

Sim. As vezes pego para que eles leiam para a sala toda, elogio, dou parabéns, prego no mural, para que a escola toda leia, pego alguns para trabalhar gramática em sala de aula.

C

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Campus Universitário de Pontes e Lacerda

Departamento: Letras

Disciplina: Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura

Discente: Neuza Barros Blecha

1- Qual é o grau de formação e quantos anos você atua em sala de aula?

O grau de formação é Licenciatura Plena, no 2º grau fiz magistério e estou atuando em sala de aula a dezito anos.

2- Na sua opinião o que é produção textual?

É a expressão das ideias a respeito de um determinado assunto que é do conhecimento do aluno.

3- Qual a importância da produção textual do aluno da 3ª fase do 1º ciclo.

É de fundamental importância para estimular o raciocínio e a criatividade, onde o aluno não espera tudo pronto e acabado, ele mesmo produz, imagina, cria seus histórias.

4- De que maneira pode ser avaliado a mesma?

Nesta fase podemos avaliar o envolvimento no processo da aprendizagem, sua participação, criatividade de ideias e a organização dos mesmos.

5- Quais os critérios que podem ser utilizados na avaliação textual?

Cada professor utiliza critérios a que melhor domina, mas os alunos são diferentes um do outro, por isso é necessário registrar em cadernos e fichas o percurso realizado por cada aluno, seus avanços, dificuldades em relação aos objetivos a alcançar em cada produção.

6- Em Língua Portuguesa o que você avalia na produção textual?

Nas séries iniciais eu dou prioridade ao envolvimento do aluno no processo de construção do texto: suas ideias, clareza, objetividade e organização.

7- Você leva em conta os textos que o seu aluno traz para você? Como?

Sim, toda produção do aluno nesta fase deve ser valorizada e comentada. Eu pergunto a ele: Como surgiu a ideia? Quem te ajudou fazer? Por que tratou desse tema? Tem algo a ver com sua realidade?

Cu, o aluno vai comentar os seus problemas e as suas alegrias, ele irá abrir o jogo e se tornará seu amigo. Ele vai confiar e terá liberdade buscando o diálogo.